

Quando o patrulhamento é necessário

Mauro César Silveira *

No ápice de um acalorado debate sobre ética profissional, um dos alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul questionou, com propriedade, o alcance apregoado pelos mais entusiasmados defensores das Escolas de Comunicação: "Ninguém pode impedir que o cara saia daqui com um diploma na mão e renegue, na prática, todos os conceitos emitidos sobre a postura profissional". Redargui imediatamente: "É preciso ficar bem claro que o diploma não dá atestado de bom caráter para ninguém. Entretanto, estou convicto de que discussões como essa não ganham profundidade e menos ainda sistematização em outros foros relevantes como a redação de um jornal ou mesmo a mesa de um bar". O aluno pareceu assentir com a cabeça.

Mais do que transmitir, com eficiência, as indispensáveis e cada vez mais modernas técnicas de comunicação, o curso de jornalismo deve ser o centro permanente dos debates e estudos sobre os temas inevitavelmente envolvidos pela atividade profissional - políticos, sociais e econômicos. "Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula 'científica', mas é a arte de informar para transformar", já observou um jornalista que encara a profissão como uma opção de vida, o respeitado Ricardo Kotscho.

Com toda a consideração que merecem profissionais como o já falecido Cláudio Abramo, um dos tantos que diagnosticou a falência dos cursos de comunicação Social, consigo ver atributos mesmo na pior faculdade da área. Por maior que seja a precariedade do curso - aí incluídos equipamentos e mestres -, restam pelo menos duas condições imprescindíveis na formação do profissional: o convívio com seres pensantes e críticos e a livre circulação das idéias. Sem esse estágio às vezes conflituoso e angustiante torna-se ainda mais difícil a consciência da função social do jornalista.

São condições que podem estar postas, esporadicamente, numa redação de jornal. Mas o fazer jornalístico - que é fundamental para o domínio das técnicas da profissão - impede que a discussão adquira consistência. As deformações que muitos profissionais hoje ostentam, como o culto ao egotismo, devem ser atribuídas, sim, às empresas de comunicação - através de estruturas que estimulam o individualismo, favorecem a mitificação de meia dúzia de jornalistas e dividem a categoria

* Coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul..

profissional em torno de uma acirrada disputa pelo melhor desempenho, como se exercer a profissão significasse necessariamente participar de uma injustificável e absurda olimpíada.

Evidentemente, jornalismo não quer dizer apenas a chamada grande imprensa e os meios eletrônicos de maior peso. Mas, infelizmente, os discutíveis padrões emanados pelos gigantes da comunicação contagiam propostas alternativas e corroem iniciativas populares. No decantado aprendizado do dia-a-dia das redações - e já admiti valores de ordem técnica no parágrafo anterior -, testemunhei o vômito contínuo de verdades absolutas por pretensas divindades do fazer jornalístico.

Não há como negar que se aprende muito em 16 anos de exercício profissional na grande imprensa - que é o meu caso - e reconheço que é difícil resistir à cooptação para fazer parte do restrito círculo dos caga-regras. Mas é preciso - e cada vez mais - combater essa forma de transmissão de conhecimentos. Uma forma autoritária, mítica e divisional. O que importa discutir não são os ensinamentos, mas, cabe ressaltar, a maneira como as empresas - com o apoio de alguns e a conivência da maioria dos profissionais - ensinam.

No seu caso particular, tenho a plena certeza que a passagem por um curso de graduação em jornalismo me fez um jornalista diferente. Tendo frequentado a universidade em tempos de mordaca - a década de 70 -, fui uma das vítimas do deliberado quadro deficiente do curso: professores cassados substituídos por "mestres" nomeados pelo Governo Militar sem habilitação nem mesmo para as disciplinas de caráter técnico. "Nunca entrei numa redação de jornal, não tenho a mínima idéia de como é que se escreve uma notícia e, para a gente não perder tempo, vou dar uma revisão de gramática", anunciava, no primeiro dia de aula, o responsável por uma das disciplinas mais importantes do curso - "Redação jornalística" - na Universidade Federal do Rio do Grande do Sul.

Mas foi graças a esse curso que eu entrei na redação com outra postura. Foi lá que eu consolidei minha visão social da profissão, aguicei o espírito crítico e retirei a lição de que o ceticismo, mais do que qualquer outro, é o requisito básico para o exercício do jornalismo.

Embora a maioria dos mais experientes - e pode se dizer competentes - jornalistas do país se neguem a ver algo positivo nos egressos das universidades - e isso ficou claro no debate encampado pela Folha de São Paulo pelo fim da exigência do diploma para o exercício da profissão desde a elaboração da última Constituição -, eles são diferentes. São mais criativos, inquietos e dispostos. Três características que acabam compensando as deficiências técnicas dos cursos.

É estimulante ver que alguns profissionais com prestígio já enxergaram isso. No ciclo de palestras "Imprensa ao Vivo" realizado entre abril e julho de 1989 no Centro Cultural Candido Mendes, no Rio de Janeiro, o editor da coluna Informe JB e do caderno "Cidade" do Jornal do Brasil, Anelmo Góis, surpreendeu a platéia quando abriu sua exposição com uma confissão pública:

- Inicialmente, gostaria de dizer que me considero um jornalista mal informado, produto de uma geração que está acabando, feita muito mais

no batente, no dia-a-dia e, quase sempre, com uma base teórica muito precária. Hoje, estou absolutamente convencido de que se fazem jornalistas melhores do que antigamente. Digo isso com sinceridade, porque comecei na Gazeta de Sergipe, onde fiz de tudo um pouco. Trabalhei no arquivo, fiz revisão e, no início de minha carreira, fui até uma espécie de contínuo. Só fui fazer faculdade quando já estava no Rio de Janeiro, trabalhando na Editora Abril e sendo subeditor da revista Exame. Mesmo sendo um jornalista mais quarentão, não faço parte dessa legião que olha com desdém as faculdades. Os cursos de jornalismo atravessam a mesma erise que assola as universidades brasileiras. O ensino no Brasil é que está em erise, aliás, o Brasil está em crise. A faculdade de jornalismo não poderia ser algo isolado, uma ilha de felicidade, um grande centro de produção de jornalistas, num país meio capengando. Apesar disso, com base na minha constatação pessoal, já que chefiio hoje no Jornal do Brasil uma equipe de 50 pessoas, considero que essa garotada que está ehgando embora traga muitas distorções vem com muita garra, com muita vontade de acertar. Naturalmente com todas as deficiências, o ensino de jornalismo tem ajudado os jornais e a tendência é ajudar ainda mais.

No mesmo seminário sobre jornalismo, o diretor de redação da revista playboy, Carlos Costa, outro quarentão, também fez questão de fazer justiça aos cgressos das escolas de comunicação. No meio de sua palestra, ele se referiu aos novos profissionais com muito entusiasmo:

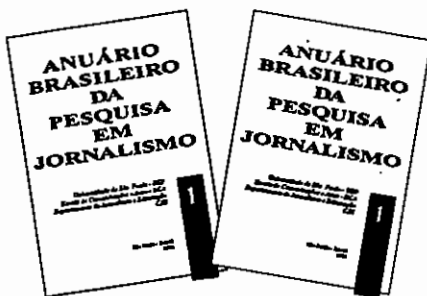
- Na equipe que dirijo o que me entusiasma é a turma nova. Ouvimos falar muito que as escolas de jornalismo estão ruins, que a nova geração não sabe escrever, mas é faseinante contar com alguns garotos de 25 anos que já são editores completos. O meu redator-chefe, por exemplo, tem 24 anos. Na nova geração, as mulheres também marcam pontos, com uma persistência que muitas vezes me comove.

Tanto Ancelmo Góis como Carlos Costa vislumbrram aquela característica diferente que eu senti quando comecei no jornalismo e que sempre me chamou a atenção em todos os novos que me sucederam na redação. É certo que aprendi e muito com vetustos profissionais, mas foram incontáveis as lições retiradas dos contatos com os chamados focas os iniciantes. Nas fontes jovens, também se bebe água boa ao contrário do que sustentam algumas estrelas de grande magnitude na constelação narcisista das nossas maiores redações.

Dentre os inúmeros debates que um curso de jornalismo tem a obrigação de promover, um merece ser destacado: a postura do profissional. A discussão ética deve como, aliás, todas as disciplinas da grade curricular, na minha opinião permear todos os semestres, circular em todas as áreas e acompanhar tanto a teoria como a prática. É uma das pontes fundamentais na interação interdisciplinar que se deve buscar como objetivo permanente numa escola de comunicação. E que pode contribuir para dotar os futuros profissionais de uma inquietação capaz de introduzir mudanças no monolítico jeito de se afirmar jornalistas. Até agora, o paradoxo tem sido gritante: um processo fascinantemente dinâmico como o do jornalismo caracterizado por uma imutável forma de valorização profissional.

O debate da postura passa por um instrumento abominado por muita gente: o patrulhamento. Quem não se lembra do manifesto da atriz Marília Pera na última eleição presidencial se queixando dos que lhe cobravam na saída do teatro por votar em Fernando Collor? Mas numa profissão como o jornalismo o patrulhamento é necessário. Quando os interesses da maioria da população estão em jogo, a fiscalização deve ser vista com naturalidade. Se o leitor, ouvinte ou telespectador deve questionar tudo o que lê, ouve ou vê, espera-se que o verdadeiro jornalista seja um rigoroso vigilante do seu trabalho e o de seus colegas. Ao invés de se embevecer com as inexoráveis mensagens em seu ego o crédito da matéria, o elogio, o prêmio, o jornalista deve ser um patrulheiro implacável de seus próprios atos. Ancelmo Góis, já citado nos parágrafos anteriores, se atribui a virtude de ter o dom da angústia: "Sempre acho que não era bem assim, que fiz errado, e que tenho que melhorar todos os dias. Tenho o dom da dúvida, de ficar preocupado com o que estou fazendo, e, principalmente, se é a favor do país". Se a maioria dos alunos sair da faculdade com aflições semelhantes, o curso de jornalismo terá cumprido um de seus mais importantes papéis.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA PESQUISA EM JORNALISMO



A primeira edição do *Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo* reúne o conjunto de projetos que integram o programa de pesquisa "A prática jornalística brasileira: impacto das inovações tecnológicas e do paradigma democrático (1945-1995)". Trata-se de um esforço de articulação interdisciplinar do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP em diálogo com o universo profissional e acadêmico sobre o Jornalismo praticado no Brasil. Tem por objetivo a disseminação do conhecimento novo sobre a informação de atualidades produzido pela universidade brasileira e a sedimentação do Jornalismo, enquanto disciplina universitária.

Escolas de Comunicações, Instituições nacionais e estrangeiras, professores e pesquisadores de jornalismo, que desejam adquirir o "Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo" escrever para:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
A/C Setor de Vendas de Publicações
Prédio Principal - Térreo - Cidade Universitária
CEP: 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil
Telefone: (011) 813-3222 - ramal 2061